

Observatório da vida estudantil: dez anos de estudos sobre vida e cultura universitária, percurso e novas perspectivas

Bruna Dias Crespo 

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Bolsista de Iniciação Científica do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (LEPES/UFRJ)

Esse texto apresentará uma resenha do livro *Observatório da vida estudantil: dez anos de estudos sobre vida e cultura universitária, percurso e novas perspectivas*, organizado por Georgina Gonçalves dos Santos, Letícia Vasconcelos e Sônia Sampaio e publicado em 2017 pela Edufba. Os 13 estudos que constituem a obra elaboram reflexões sobre experiências de universitários e celebram os dez anos de pesquisa do Observatório da Vida Estudantil. Tendo como objeto central os estudantes e suas trajetórias, o exemplar alerta para a urgência dessas investigações, considerando o atual contexto político marcado pelo contingenciamento de recursos para as instituições de ensino superior. A obra enfatiza a atenção que as universidades devem ter para não reproduzirem internamente as relações de desigualdade de classe, raça e gênero presentes na sociedade. Além disso, percebe-se a aposta intencional das organizadoras na interdisciplinaridade dos trabalhos.

Neste sentido, buscando uma compreensão mais apurada, esta resenha irá agrupar os 13 artigos em três eixos temáticos: *Práticas de apoio e acompanhamento da vida universitária*; *Justiça cognitiva e metodologias de análise*; e *Acesso ao Ensino Superior, Ações Afirmativas e a escolha da escola de Ensino Médio*.

Os artigos agrupados no eixo *Práticas de apoio e acompanhamento da vida universitária* apresentam contribuições para as discussões acerca da permanência estudantil. Viviana Mancovsky relata no capítulo *A relação do professor universitário com o saber e uma possível “Pedagogia dos Inícios” – como acompanhar as aprendizagens do estudante de primeiro ano?* sua proposta de “pedagogia dos inícios”, baseada na escuta de breves histórias dos estudantes e duas experiências acadêmicas na Universidade Nacional de

San Martín. A primeira propõe que veteranos recebam e acompanhem os “inícios” dos ingressantes, e a segunda destaca o papel fundamental do docente durante o primeiro ano desses alunos.

No capítulo seguinte, Rita Leite e Rita Ribeiro reconhecem as rupturas e as mudanças que os estudantes enfrentam ao acessar o Ensino Superior. As autoras relatam as experiências do projeto de extensão intitulado *Grupo de Atendimento Acadêmico ao Estudante*, realizado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com a finalidade de auxiliar e orientar os ingressantes no percurso inicial e no processo de afiliação à universidade. O grupo de apoio concentra seus esforços em acolher e socializar as principais demandas desses estudantes e construir conjuntamente estratégias para superar essas adversidades. Leite e Ribeiro concluem que existem inúmeras dificuldades para além das acadêmicas que podem interromper o percurso universitário.

Já Virgínia Carneiro e Molaisa Soares expõem o caminho e os resultados do impacto de um grupo de apoio acadêmico na permanência de estudantes na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Essa experiência tomou como base a vivência prévia na UFRB e usa como aporte teórico Alain Coulon, assim como o capítulo anterior. Apesar da similaridade teórica, as autoras explicam como as oficinas de criatividade contribuíram para a adaptação universitária. A partir da elaboração de produções finais que visavam a expressão individual, as atividades oportunizam a ressignificação da vivência estudantil. Nesse sentido, os estudantes conseguiam conhecer melhor a si e a seus pares, o que contribuiu para fortalecer a permanência dos mesmos.

Seguindo o mesmo aporte teórico, em *Da Afiliação à permanência: o protagonismo da iniciação científica*, Greysy Souza e Dyane Santos relacionam o papel da iniciação científica à afiliação estudantil. O estudo de cunho etnometodológico realizado em 2014 e 2015 na UFRB apresenta as vivências dos estudantes nos grupos de pesquisa e o impacto dessa participação na permanência. As autoras concluem que as instituições de ensino superior precisam criar espaços que funcionem como um estágio inicial para recepcionar e preparar esses ingressantes para as adversidades da jornada universitária.

O segundo eixo proposto, *Justiça cognitiva e metodologias de análise*, agrupa os trabalhos que defendem uma formação universitária que extrapole o profissional e

promova uma formação geral e interdisciplinar. Letícia Vasconcelos, Georgina Santos e Sônia Sampaio apresentam um potente capítulo teórico no qual definem o conceito de justiça cognitiva como um dispositivo capaz de fomentar mudanças necessárias para que a universidade seja uma ferramenta na estruturação da justiça social.

Os capítulos *Percepção dos concluintes sobre a qualidade do processo formativo nos bacharelados interdisciplinares da UFBA*, de Emanuele Santos, Stela Meneghel e Sônia Santos, e *Perspectivas interdisciplinares e horizontes interculturais na formação universitária*, de Larisse Brito, Georgina Santos e Natália Ribeiro, abordam a experiência dos Bacharelados Interdisciplinares (BI) na UFBA. Os conflitos e as resistências da implementação do BI são discutidos no primeiro artigo, onde as autoras destacam as potencialidades de uma formação interdisciplinar e intercultural estabelecendo-se a justiça cognitiva. O segundo trabalho dá enfoque à avaliação dos concluintes dos BI em relação a qualidade do programa desenvolvido na universidade. Em *A Etnografia e a entrevista compreensiva: duas metodologias para estudos da vida estudantil*, Rita Leite define e descreve essas duas metodologias, expondo suas vantagens, limitações e cuidados para uso em pesquisas relativas à trajetória universitária. Além disso, a autora destaca que os percursos estudantis não ocorrem apenas academicamente, mas também nas interações e experiências dentro e fora da universidade.

Jacira Barbosa e Sônia Sampaio discorrem em seu capítulo, *Sujeitos, subjetividades e processos de conhecimento: aproximações entre González Rey e Edgar Morin*, outras formas de construir e pensar a subjetividade. As autoras posicionam-se contra o reducionismo e a fragmentação dos saberes e alertam que essa compreensão do conhecimento não atende aos novos grupos que compõem a universidade.

Como último eixo, temos *Acesso ao Ensino Superior, Ações Afirmativas e a escolha da escola de Ensino Médio*. Débora Cristina Piotto e Iris M. Bosco Tetzlaff, em *Estudantes do Ensino Médio público na USP e a questão da escola*, apresentam dados dos três cursos mais concorridos e dos três menos concorridos do *campus* da cidade de São Paulo e as mesmas categorias para o *campus* de Ribeirão Preto. As autoras analisam as origens dos estudantes desses 12 cursos e concluem que a escola frequentada influencia no ingresso das camadas populares ao Ensino Superior, especialmente nos cursos de alto prestígio.

Rosana Heringer e Melina Klitzke traçam, a partir de microdados do questionário aplicado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o perfil dos

ingressantes dos cursos de Medicina, Engenharia de Produção, Direito e Direito noturno. As autoras percebem que, apesar das políticas de democratização ao Ensino Superior, ainda é possível perceber um perfil elitizado nos cursos de prestígio da UFRJ. Entretanto, a análise destaca que os estudantes de Direito noturno diferem dos demais, estando mais próximos de um perfil heterogêneo.

Sueli Ressureição e Sônia Sampaio pontuam a necessidade da reelaboração e reconstrução do sistema de reserva de vagas para estudantes indígenas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e em outras instituições de ensino superior. As autoras argumentam no capítulo *Pertencimentos e identidades entre universitários indígenas: uma perspectiva intercultural da psicologia na educação superior* que esses estudantes ressignificam os aspectos culturais de suas etnias para interagirem com a construção do pertencimento universitário.

Ubiratan Menezes, Alana Ferreira e Adrielle Matos apresentam uma revisão bibliográfica sobre a história da Universidade do Estado da Bahia e uma sistematização das políticas de Assistência Estudantil. Além disso, afirmam que no contexto da UNEB há um forte interesse administrativo no estabelecimento de um projeto de acesso e permanência de excelência.

O livro destaca as diversas transformações que ocorreram no Ensino Superior no Brasil. Para além disso, devido à expansão do acesso ao ensino superior e as políticas de Ação Afirmativa, um perfil mais heterogêneo passou a ingressar nas universidades. Essas mudanças levantaram novas questões e fomentaram investigações sobre o acesso e a permanência desses estudantes nesse “novo” ambiente. Os artigos trazem propostas de projetos de extensão e de pesquisa para os alunos do primeiro ano universitário e os resultados dessas experiências em diferentes contextos, nos fornecendo sofisticado conteúdo para pensarmos em nível nacional e institucional práticas e políticas de apoio ao estudante que efetivem sua afiliação. Esses estudos alertam que, devido às inúmeras transformações e rupturas que a entrada no Ensino Superior causa aos jovens, as práticas devem possuir como público-alvo e prioritário os ingressantes, entretanto, Mancovsky pontua o papel vital dos docentes para com os seus discentes que ainda não estão afiliados ao sistema universitário. A obra também apresenta análises quantitativas que buscam traçar o perfil dos ingressantes em determinados cursos e, além disso, há revisões bibliográficas e discussões teóricas que complementam as demais reflexões, podendo auxiliar futuras pesquisas como aporte teórico. Dessa forma, conclui-se que as organizadoras compreenderam a ur-

gência dessas discussões devido ao trágico contexto político e econômico no qual o Brasil está mergulhando e oferecem um trabalho completo e otimista que contribuirá para a efetivação da permanência estudantil e a manutenção do ensino superior público e de excelência.

Referência

SANTOS, G. G.; VASCONCELOS, L.; SAMPAIO, S. (Org.). *Observatório da vida estudantil: dez anos de estudos sobre vida e cultura universitária, percurso e novas perspectivas*. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, 2017.

Submissão em: 30/03/2019

Aceito em: 23/07/2019